



▼ Capítulo 5

FILOSOFIA AFRICANA

Adilbênia Freire Machado

DOI: <http://dx.doi.org/10.18616/filo05>

VOLTAR AO SUMÁRIO

“Antes de morder, veja com atenção se é pedra ou se é pão.”

(Mãe Stella de Oxóssi)

Introdução

A filosofia é uma dança, um sentir oriundo das nossas sensações, tecida pelas cosmopercepções que nos formam, as culturas que delineiam nossa identidade que está em constante construção. A filosofia, como nos diz Aline Matos da Rocha (2014, p. 105), “[...] habita sobre um solo reflexivo, que nos coloca em um constante estado de inquietude diante do que nos é apresentado, propiciando um confronto conosco mesmo/a e o Outro, na tentativa de realização plena do humano”. Assim, “[...] sob essa perspectiva, a filosofia não pode se furtar de colocar a si mesma no centro de suas reflexões, confrontando sua produção de conhecimento, seu currículo e ensino” (ROCHA, 2014, p. 105), portanto, quando a colocamos em xeque, colocamos o patriarcalismo, o machismo, o colonialismo, a negação do Outro, a negação de fala, que tanto são em seu ser/fazer... (MACHADO, 2012, 2014a, 2014b). Portanto, é imprescindível pensar/criar/fazer filosofia desde outros lugares, desde existências coletivas, desde nossas próprias culturas, desde vozes negadas, como as vozes femininas, africanas, afrodiaspóricas e indígenas, em uma perspectiva de mudança da estrutura dos conhecimentos vigentes, dos modos de construções epistemológicas.

A nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2004, p. 01) diz que uma das características da chamada era moderna “[...] é a expansão da Europa e o estabelecimento de hegemonia cultural euro-americana em todo o mundo. Em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre comportamento humano, história, sociedades e culturas”. Isso resulta que “[...] interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais, categorias sociais” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 01) do “homem” euro-americano acabem por dominar a escrita de nossa história, isso implica em um grande problema que é a “racialização do conhecimento” (OYĚWÙMÍ,

2004, p. 01). A Europa se coloca como única fonte do conhecimento (de cultura), assim os europeus (homens brancos) são os únicos capazes de conhecer, de aprender, colocando o resto do mundo à margem, negando, inclusive, a capacidade dos povos africanos de adquirir conhecimento, de “racionalizar” (MACHADO, 2012, 2014a, 2014b), negando a própria humanidade de outros povos, fundamentalmente os africanos, justificando, assim, a colonização a que grande parte do continente fora submetida.

Desse modo, mudarmos essas perspectivas, essa falácia, é uma tarefa fundante e que deve ser exercida diariamente, posto que “[...] este contexto global para a produção de conhecimento deve ser levado em conta em nossa busca para compreender as realidades africanas e de fato a condição humana” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 01), digo que não apenas as realidades africanas, mas também da sua diáspora e da América Latina, realidades cruéis de negação, epistemicídio, enfim, uma política contínua de negação do Outro, ou seja, os povos africanos, afrodiaspóricos, indígenas, latino-americanos e as mulheres. É necessário, também, mudarmos a perspectiva de que foram os homens que construíram essa história, pois “[...] o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 01). Nós, mulheres, somos força, potência, voz e ação dentro de todos os processos de construção do conhecimento, de saberes, de cultura, de sociedade...

Nesse sentido, este capítulo busca trazer reflexões breves sobre descolonização do olhar (ser/fazer/aprender/ensinar/conhecer/sentir/produzir/criar), dialogando com a filosofia africana que, por sua vez, é tecida pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento, pois, como nos diz Evelyn C. White (2006, p. 07):

O que os colonizadores não entenderam foi a profundidade das nossas alianças. Quando nos arrastaram da África para os portos do Haiti, Jamaica, Cuba, Mississipi e Brasil, não sabiam que nossos corações separados continuariam a bater como se estivessem em um só corpo. E que nossas vozes, mesmo fraturadas, continuariam cantando uníssono.

Por isso, a filosofia africana, refletida desde o Brasil, é delimitada pelas filosofias da ancestralidade e do encantamento. São filosofias construídas/tecidas/criadas desde experiências formativas que visam à liberdade irreduzível do ser humano, uma liberdade plural, diversa e que busca o bem-viver de um eu que só é possível porque há uma outra pessoa que não sou eu. Eu comunitário, coletivo.

A ancestralidade aqui tecida se delimita em torno do reconhecimento da descendência africana. A ancestralidade africana representa a maior expressão social, econômica, tecnológica, além de religiosa da influência africana que faz parte do pensamento social brasileiro, assim, traz importantes aportes para o pensamento filosófico afro-brasileiro, que se caracteriza por uma busca incessante de uma liberdade concreta do ser humano. É o conceito máximo para interpretar e explicar tudo o que está relacionado às africanidades, é a categoria explicativa das “africanidades brasileiras” e das “brasileiridades africanas”. Está para além das relações consanguíneas... É um conceito de reexistência, de resistência, da própria existência, de libertação.

A liberdade aqui pensada gira em torno de um “[...] desejo pela diversidade, mas sem perder o ponto de vista das unidades, pois assim não perde a perspectiva da encruzilhada, construtora da diversidade” (SANTOS, 2012, p. 49). Ou seja, é uma liberdade que visa ao bem-viver de todas as pessoas, que se caracteriza por ser um conceito filosófico oriundo da Filosofia da Libertação da década de 90, que trata “[...] da libertação e não apenas da liberdade” (MANCINI, 2013, p. 10), em que se faz “[...] necessário assegurar a todas as pessoas as condições econômicas, ecológicas, políticas, educativas, informativas e éticas para realizar suas liberdades, tanto públicas quanto privadas” (MANCINI, 2013, p. 10), ou seja, expandir as liberdades na realização do bem-viver de cada uma e de todas. É “[...] uma categoria filosófica muito importante para criticar toda forma de dominação e toda forma de libertação” (MANCINI, 2013, p. 10).

O encantamento é função da liberdade! É oriundo da ancestralidade. E é esse encantamento que proporciona a busca, o encontro e a expansão da liberdade (libertação) do ser humano, posto que a liberdade de uma

pessoa não é concreta sem a liberdade da outra, pois somos todas partes de uma única teia delineada pelas culturas que nos formam. O encantamento é cheio de propósitos, implicações. Propósitos esses que primam pela ética, pelo desejo do Outro, partindo do desejo do eu mesmo, onde esse eu se reconhece em contato com as outras pessoas e com os diversos “eus” que há em cada uma de nós. Esse encantamento nos impele a questionar “nossas” ações políticas (assim como a de nosso povo), sociais, questionamentos acerca das nossas ações éticas e do nosso cuidado com tudo o que há em nossa volta... É questionador das nossas ações. É um conceito de práxis que nos impele a reflexões acerca do nosso ser/fazer.

É um ato de compreender, com-preender, o Outro e a nós mesmos, pois a compreensão leva ao afeto, a conhecer esse Outro. É fonte, e, como nos diz Eduardo Oliveira (2007, p. 195), “[...] é possibilidade da criação, antes mesmo de qualquer criatividade”. Assim, “[...] é infinito em suas possibilidades e realizações” (OLIVEIRA, 2007, p. 195), apresentando o contexto como único limite. O encantamento é o que “[...] dá significado a quem se ocupa dos significantes dos significados: a filosofia” (OLIVEIRA, 2007, p. 195). Adentra as entranhas do existir, do sentir e assim causa vertigem, pois, ao mesmo tempo em que produz, é produzido pela vertigem (OLIVEIRA, 2007), pelo espanto e angústia causados pela efemeridade da vida, entretanto, na cosmopercepção de matriz africana mais vale o existir intensamente do que o viver pelo viver, por isso nos encantamos e assim criamos diversos mundos para sobrevivermos às náuseas causadas pelo viver sem “previsão e controle”, visto que

[...] o ato de existir é um ato sem previsão e sem controle. Tudo está em tudo e em toda parte tudo é difuso. O mundo que vemos são os olhos que veem [...] e, a pele da cultura recobre com sua tessitura o que chamamos de real; mas o real não é mais que a pele da cultura; a pele da cultura não é mais que um olho que vê e um ouvido que escuta e um corpo que sente... (OLIVEIRA, 2007, p. 196).

Existir é esse mais que “[...] um olho que vê e um ouvido que escuta e um corpo que sente” (OLIVEIRA, 2007, p. 197), é o que está para além, são as dobras do que se vê, escuta, sente. Talvez o existir seja sem começo e sem fim, um círculo aberto para o infinito, devir. Existir como vertigem tem a ética como fundamento principal, pois “[...] a ética, como relação fundamental de alteridade, tem sua fonte na vertigem – por isso seu critério é o Outro” (OLIVEIRA, 2007, p. 197). Ele nos leva ao conhecimento de nós mesmas enquanto o conhecemos, põe-nos na frente de nossos medos, anseios, segredos, saberes...

Conceitos delineando modos de ser, sentir, pensar, criar de um povo formado pelas experiências africanas que tornaram o Brasil o país que é. Conceitos tecendo modos outros do educar, criar, formar, de implementação da Lei 10.639/2003, que visa ao ensino de história e cultura africana e afro-brasileira (BRASIL 2003). Reconhecimento e valorização das africanidades brasileiras, fortalecendo o conhecimento e nossas identidades que são compreendidas como um “[...] pertencimento histórico-comunitário” (PETIT; RODRIGUES, 2012, p. 239). A identidade nunca está formada, é movimento, fruto de acontecimentos e está ligada ao nosso lugar.

Desse modo, seguiremos o texto traçando, brevemente, o modo de ser/pensar/criar da filosofia africana refletida desde a ancestralidade de alguém que não nasceu na África, mas tem a África nascida em si.

Um caminhar: Filosofia Africana Contemporânea como práxis de libertação, da ancestralidade e do encantamento

Vivemos uma imensa diversidade cultural, a qual nos forma, assim compreendo que a filosofia é um modo de refletir, questionar, criar e construir epistemologias desde nossas experiências, desde os espaços onde vivemos e também nos construímos. Aprendemos e ensinamos. Desse modo, a filosofia aparece com o intuito de nos formar para termos uma postura ética e política crítica e consciente, assim ela acontece desde uma criação contínua de conceitos, oriundos de reflexões que levam a ações reais para o

bem-estar e o bem-viver da pessoa; é o compromisso com o Outro, que não é um estranho, mas quem nos permite ser, pois não vivemos sozinhas, e com a sociedade onde se vive.

A filosofia se apresenta, então, como “[...] um diálogo argumentativo. [...] Só ganha sentido e significado se ela for elaborada num contexto de um diálogo intersubjectivo” (CASTIANO, 2010, p. 41), um diálogo crítico onde a interação entre os sujeitos “[...] deve ser na base tanto de textos escritos como orais”, pois a “existência de textos escritos não é uma razão suficiente para excluir os textos orais do debate argumentativo” (CASTIANO, 2010, p. 41). Desse modo, esta reflexão crítica pressupõe uma interpretação da realidade, na qual esta não aparece “[...] como algo absoluto ou como uma necessidade, mas como uma contingência” (CASTIANO, 2010, p. 41). É movimento! É um acontecimento próprio da existência humana, pois

[...] a experiência humana é o chão inescapável para o começo da marcha rumo à sabedoria. Onde quer que haja um ser humano, há também a experiência humana. Todos os seres humanos adquiriram, e continuam a adquirir sabedoria ao longo de diferentes rotas nutridas pela experiência e nela fundadas. (RAMOSE, 2011, p. 11).

A filosofia é então um modo de criar, re-criar, aprender e ensinar. E a filosofia africana não foge disso, é fruto dos seus diversos contextos culturais, sociais e históricos. E é dentro de um contexto onde diversos países africanos conquistam sua liberdade que nasce a filosofia africana contemporânea. São filosofias oriundas de discursos críticos, fortalecendo-se especialmente nas décadas de 50, 60 e 70, cuja preocupação que dominava a maior parte dos filósofos africanos era elaborar uma filosofia própria, enraizada dentro de seu contexto histórico, social e cultural que passava por modificações profundas desde o processo de emancipação da escravatura e descolonização que vários povos africanos atravessavam, processo de integração social aos países considerados do novo mundo, enfim, transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Uma breve história acerca da obra de origem da filosofia africana contemporânea

É, então, que em 1945 surge a filosofia africana contemporânea com a obra *La Philosophie Bantoue*, do Padre belga Placide Tempels. Desse modo, Tempels aparece com uma grande influência na Filosofia Africana do século XX, sendo considerado por muitos filósofos o pai ancestral dessa filosofia, em virtude da sua célebre obra, onde argumenta que o povo da África Subsaariana (Povo Banto), região do Congo Belga, tem uma filosofia distinta. Assim, descreve, em sua obra, as bases dessa filosofia. O referido autor concebe que o pensamento cognitivo desse povo africano é uma filosofia que segue os seus próprios níveis de conhecimento, próprio modo de pensar, ou seja, possui uma série de princípios filosóficos intrínsecos às suas práticas, crenças e aos seus próprios idiomas.

A obra se torna uma reação à crença predominante de que africanos seriam incapazes de pensar racionalmente. Tempels respondeu argumentando através da análise de seus costumes e tradições, em especial do povo Banto. Buscou os elementos que seriam fundamentais da tradição africana, assim como sua estrutura cognitiva e a relação com a religião, concluindo que a força vital seria o elemento que explicaria não apenas a religião, mas também a forma como esse povo compreendia o mundo. Para a Filosofia Banto, o fundamento do universo, o seu valor supremo, é a vida, é a força que impulsiona e que emana dela; todos os seres são forças e em qualquer situação se deve, ininterruptamente, procurar acrescentar força à vida e ao universo. Essa força é chamada Força Vital, que é “[...] a própria manifestação do sagrado que sustenta o universo e permeia a relação entre os homens e entre eles e a natureza” (OLIVEIRA, 2006, p. 46).

Entretanto, o objetivo da obra de Tempels não era negar o pensamento ocidental, negando a incapacidade de racionalizar dos povos africanos, mas sim ser um manual para os colonizadores, ao conhecerem a filosofia desse povo, com o intento de que os colonizadores entendessem a visão de mundo, as crenças e as singularidades das culturas africanas com o objetivo

de que os missionários, com seu projeto de “civilização”, pudessem obter êxito nas suas ações colonizadoras e assim introjetar a fé e a razão nesses povos. Porém, a obra acabou por provar a existência de uma filosofia africana, de uma razão, de uma capacidade cognitiva e de uma humanidade que fora negada até então e que continua sendo negada. É o epistemicídio, ou seja, como nos diz Sueli Carneiro (2005, p. 97), “[...] um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais”.

O livro de Placide Tempels acabou por provar a existência de uma ontologia, assim como de uma ética, de modelos políticos, econômicos, sociais, além de uma cultura forte, de uma tradição enraizada e comprometida com os valores humanos. A obra é largamente criticada, especialmente pelo filósofo beninense Paulin Hountondji, que não a considera uma obra filosófica.

Objetivos e fundamentos principais

A filosofia africana contemporânea tem o papel de incentivar as avaliações dos engajamentos éticos, existenciais e políticos. Tem alguns objetivos como fontes fundamentais, tais como: a compreensão de que o conhecimento africano com o propósito de significar a existência no mundo, uma consciência que leva a pessoa a ser iniciadora/provocadora/criadora de novas perspectivas, almejando uma outra realidade, mais justa, igualitária, até mesmo humana. Outro objetivo é proporcionar a formação de pessoas íntegras, que agem em comunhão com a comunidade onde vivem, colocando-se no mundo e respeitando as diversidades e singularidades culturais, assim como o universo e a natureza, buscando transformar as condições sociais, políticas e econômica às quais estão submetidos. Um terceiro objetivo é ter a filosofia como causadora de ações e ideais libertadores, estimulando a transformação da sociedade, em todo o seu contexto; assim, aparece como um convite, uma proposta e uma impulsionadora da libertação em busca do bem-viver. Ou seja, libertação e apenas da liberdade, onde é “[...] necessário

assegurar a todas as pessoas as condições econômicas, ecológicas, políticas, educativas, informativas e éticas para realizar as suas liberdades, tanto públicas quanto privadas” (MANCE, 2013 *apud* MACHADO, 2014a, p. 01). Trata-se da libertação e não apenas da liberdade. Para o autor, expandir as liberdades implica na realização do bem-viver de cada pessoa, é, então, “[...] uma categoria filosófica muito importante para criticar toda forma de dominação e toda forma de libertação” (MANCE, 2013 *apud* MACHADO, 2014a, p. 01). Tal conceito, como aqui apresentado, é oriundo da Filosofia da Libertação da década de 90.

Por fim, a Filosofia Africana contemporânea objetiva conceber que os povos africanos podem fazer uma filosofia de ponta, com correntes de pensamentos tão grandiosas e contundentes quanto aquelas que provocaram mudanças significativas no mundo.

Portanto, compreendo que é o encantamento que proporciona esse renascimento da Filosofia Africana, uma filosofia que tem a cultura e a tradição como delineadoras de suas projeções, concepções, realizações, criações. Enraizada em uma tradição que é atualizada continuamente pelos acontecimentos do contexto histórico, político, cultural e social em que se vive, assim é uma filosofia do acontecimento, aberta para as possibilidades; é uma filosofia dos sentidos, do desejo e do respeito pela pessoa, pela diversidade, criando, ressignificando e encantando mundos, fortalecendo e potencializando-se com uma ancestralidade reconhecida. Desse modo, caracteriza-se fundamentalmente por ser uma ética implicada no cuidado de si e de todas as pessoas. Onde o processo do filosofar não se dá sem troca de experiências que estão incrustadas na natureza, na cultura, na vivência, na ancestralidade que nos move.

Sendo assim, não é possível essa filosofia sem cultura, sem oralidade (que sustenta a tradição), sem ancestralidade. Eduardo Oliveira (2006) afirma que a filosofia africana está baseada nos seguintes princípios: ancestralidade, diversidade, integração e tradição. A ancestralidade é a grande articuladora, “[...] responde pela lógica que articula o conjunto de categorias e conceitos que revelam a ética imanente dos africanos” (OLIVEIRA, 2006, p. 165). Essa

ética aparece como fundamental nessa articulação, ela é “[...] a fonte de onde emergem os elementos fundamentais da tradição africana” (OLIVEIRA, 2006). Já a diversidade é aquele princípio que valoriza as singularidades à medida que respeita a diversidade étnica, cultural e política. Diversidade essa que não leva ao isolamento por causa do princípio de integração que tem na inclusão o seu guia, fazendo com que as singularidades sejam submetidas à ética que prima pelo bem-estar da comunidade, o bem-viver de todas/os. A tradição é a teia que dá sustentação a tais princípios, é dinâmica e molda-se aos tempos. Ancestralidade é o nosso modo de estar no mundo, de viver e experienciar, assim também entendo o Filosofar Africano e Afrodescendente, entendo-os como filosofias implicadas nesse estar no mundo, estar com as pessoas, a natureza e consigo mesma, preservando e cultuando o fortalecimento contínuo e libertador.

Correntes

Podemos demarcar algumas correntes que podem ser consideradas núcleos da Filosofia Africana Contemporânea, tais como: Etnofilosofia, Sagacidade Filosófica ou Filosofia dos Sábios, Filosofia Nacionalista-Ideológica ou Filosofia Política e Filosofia Profissional. Em classificações mais recentes, incluiu-se a Filosofia Hermenêutica e a Literária/Artística ou Poética, que seriam correntes, no nosso modo de ver, culturalistas. Também é importante evidenciar que dentro dessas correntes particulares há outras com suas singularidades. Aqui irei apresentar brevemente tais correntes:

A Etnofilosofia tem como tema fundamental a relação da filosofia com a cultura. Considera a sabedoria coletiva, o lugar ontológico do conhecimento. Essa corrente deu “início” à Filosofia Africana com a obra *La Philosophie Bantoue*, de Placide Tempels.

A Filosofia da Sagacidade ou Sagacidade Filosófica trata dos/as “sábios/as filósofos/as”. Sistema de pensamento baseado na sabedoria e nas tradições dos povos, sendo, basicamente, o reflexo de uma pessoa que é reconhecida como “sábio/a” e pensador/a dentro da comunidade. O queniano Henry Odera Oruka é o seu principal nome, além de fundador.

A Filosofia Nacionalista/Ideológica ou Filosofia Política tem interesses e objetivos de responder aos problemas referentes ao colonialismo, às independências, ao fim da escravatura, à exploração dos povos africanos e ao viver na nova/outra realidade após as independências. É o reconhecimento de que alguns políticos africanos tratavam questões filosóficas quando engajados em projetos emancipativos e de re-construção da nação, é fundamentalmente uma filosofia sociopolítica. Aqui encontramos os movimentos de negritude, do pan-africanismo, do socialismo africano, dentre outros. Temos nomes como Leopold Senghor, Kwame Nkrumah, Julius Nyerere e Dubois como representantes.

A Filosofia Profissional, também identificada como Corrente Crítica da Filosofia Africana, rejeita um modo particular de filosofar, pois concebe a filosofia com princípios universais, não pode ser um pensamento particular, comunitário, mítico. É a relação da filosofia com a academia. Encontramos, nessa corrente, Kwasi Wiredu, Paulin Hountondji, Eboussi Boulaga, Marcien Towa, Oruka Odera e Peter Bodunrin.

A Filosofia Literária/Artística é representada por aqueles que refletiram questões filosóficas em ensaios e ou obras de ficções. Temos Wole Soyinka, Chinua Achebe, Oko P'Bitek, dentre outros.

Já a Filosofia Hermenêutica se caracteriza como aquela que faz análises das línguas africanas em torno da busca de conteúdos filosóficos. Destacamos nomes como Kwame Gyekye, Tshiamalenga, Sodipo Jo, dentre outros.

Considerações finais

A ancestralidade e o Encantamento são filosofias de pertencimento e liberdades incessantes, fortalecendo a identidade e o reconhecimento de quem somos. Assim, apresentam-se como filosofias delineadoras para as relações étnico-raciais, para a implementação da Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, por meio do qual conhecer a história do Brasil demarcada pela cultura africana e conhecer a história da África, desde o olhar do colonizado, e não do colonizador

que o nega, torna-se fundante, além de uma ação para o reconhecimento e a valorização da nossa ancestralidade africana, resultando no fortalecimento de nossas ações cotidianas que implicam, principalmente, na eliminação do racismo, da invisibilidade e dos preconceitos que tanto nos assolam.

A filosofia africana elaborada desde princípios e valores que regem a vida dos povos africanos e diaspóricos, dentro da sua imensa diversidade, encontra-se absorvida não apenas nas suas diferentes culturas, mas também nos próprios modos de refletir os problemas locais, dentro do universal, partindo dos seus mitos, provérbios, seus rituais, sua religiosidade, culturas, assim como as questões políticas, no mundo da literatura, da poesia, do jeito de falar com o coração, com o tambor, com a batucada, com o próprio tempo. Viver e experienciar!

É uma filosofia que se abre para as possibilidades, não estando enquadrada nos moldes epistemológicos da filosofia ocidental. Sai da totalidade para pensar a alteridade. Esse é seu ponto de partida, daí ser a ética uma filosofia. Enxerga a diversidade em vez da identidade, mas não a exclui. Mira a diversidade na unidade e a unidade na diversidade. É atitude e não uma metafísica. É corpo inteiro e não apenas razão. As filosofias africanas, afrodiaspóricas, da ancestralidade e do encantamento, são filosofias das percepções, das sensações, pois somos de corpo inteiro! O corpo é produtor de conhecimento! São filosofias da diferença, que primam por uma ética de inclusão. É ciência da sensibilidade. É estética. Pensa epistemologias para a vida, para o existir, conhecimentos propositivos de uma mudança consistente e duradoura, epistemologias para a práxis e não com a finalidade última de obtenção de poder político e epistemológico. Razão universal única, excludente, machista, monocultural...

Essas filosofias primam por práxis contínuas de libertação e conhecimento da diversidade cultural e epistemológica; expressam-se de formas diversas, não estando presas apenas a textos escritos, pois “[...] devemos distinguir entre filosofia e os modos de transmiti-la e preservá-la. Reflexões filosóficas podem ser preservadas e transmitidas de diversas maneiras. De longe, a melhor maneira de preservar e transmitir a filosofia é através da

escrita, na forma de livros” (OMOREGBE, 1998). Afinal, a filosofia é tecida por relações, diálogos, reflexões sobre a vida, proporcionando criações contínuas, implicações, encantamento!

O encantamento condiciona algo a ser sentido de mudança política, social, cultural, de ser perspectiva de outras construções epistemológicas; é o sustentáculo que desperta e impulsiona para a ação; é o que dá sentido; é inspiração formativa, inspiração que cria e re-cria continuamente. É esse encantamento que nos qualifica no mundo, trazendo beleza no pensar/fazer implicado, produzir conhecimento com os sentidos, pois “[...] se ao aprender envolvemos sensibilidades, sabemos também que as sensibilidades aprendem. Se o ato de cuidar é, acima de tudo, um gesto ético-político, aí está imbricado também um gesto sensível que envolve o ato de aprender” (MACEDO, 2013, p. 99).

Compreendo que é pela diversidade de questões que podemos ver nos objetivos, princípios e nas correntes apresentadas ser possível que a filosofia africana possa mediar o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, pois essa filosofia se constitui desde a reconstrução da sua história, desde a valorização da sua origem, da sua cultura e da sua tradição, promovendo reflexões críticas e ações para o bem-viver. Essa mediação acontece no desejo de proporcionarmos uma educação onde os estudantes se confrontem com os valores e as práticas culturais que constituem sua identidade nacional, onde essa mediação se faz na produção de alterações entre os envolvidos no processo.

As filosofias africanas, da ancestralidade, e o encantamento como perspectivas de descolonização são possíveis por partirem de percepções outras da formação, possibilitando a escuta e a construção desde as experiências das/dos estudantes com seus saberes e com a cultura que carregam em suas peles, múltiplas possibilidades de produção de conhecimento, de descolonização. Reconhecendo a ancestralidade que nos faz ser quem somos, potencializando o encantamento e possibilitando ações concretas para a implementação da Lei 10.639/2003, com o intento de uma libertação contínua enraizada na nossa pertença cultural.

Referências

BRASIL. Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 de janeiro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 28 de maio de 2008.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). São Paulo: Universidade de São Paulo: FEUSP, 2005

CASTIANO, José P. *Referenciais da Filosofia Africana: em busca da intersubjectivação*. Moçambique: Sociedade Editorial Ndjira Ltda., 2010.

MACEDO, Roberto S. *Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica: o socioconstrucionismo curricular em perspectiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACHADO, Adilbênia F. *Ancestralidade e Encantamento: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014b.

MACHADO, Adilbênia F. Filosofia Africana e Currículo: Aproximações. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, v. 1.0, n. 18, maio de 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>>. Acesso em: 1 jun. 2012.

MACHADO, Adilbênia F. Filosofia Africana para Descolonizar Olhares: Perspectivas para o Ensino das Relações Étnico-Raciais. # *Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia*, Canoas, v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/1854>>. Acesso em: 24 jun. 2014a.

MANCE, Euclides A. *As filosofias Africanas e a Temática de Libertação*. Curitiba: IFIL – Instituto de Filosofia da Libertação, 1995. Disponível em: <<http://www.solidarius.com.br/mance/biblioteca/africa.htm>>. Acesso em: 2005.

MANCE, Euclides A. *Camponesa da AACCRN* (Associação de Apoio às Comunidades do Campo do Rio Grande do Norte). Entrevista do Professor Euclides Mance, março de 2013. Disponível em: <http://www.fbcs.org.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1787&Itemid=18>. Acesso em: fev. de 2014.

OLIVEIRA, David E. *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

OLIVEIRA, David E. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OMOREGBE, Joseph. *Filosofia Africana: ontem e hoje*. Tradução de Renato Nogueira. In: CHUKWUDI, Emmanuel (Ed.). *African Philosophy: yesterday and today in EZE*. African Philosophy: an anthology. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. Tradução para uso didático de Oyèrónké OYĚWÙMÍ. *Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies*. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CORDESRIA Gender Series. Vol. 1. Dakar: CORDESRIA, 2004, p. 1-8.

PETIT, Sandra H.; RODRIGUES, Eleomar dos S. *Filosofar(-se) junto com o Baobá: Um encontro festivo com Sobonfu Somé, Mia Couto e Eduardo Oliveira*. In: PETIT, Sandra H.; SILVA, Geranilde C. *Memórias do Baobá*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

RAMOSE, Mogobi B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana*. *Ensaio Filosófico*, v. IV, out. 2011.

ROCHA, Aline M. *A Exclusão Intelectual do Pensamento Negro*. *Pólemos*, Brasília, v. 2, n. 4, mar. 2014. Disponível em: <<https://filosofia-africana>>.

weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/aline_matos_da_rocha_-_a_exclus%C3%A3o_intelectual_do_pensamento_negro.pdf >. Acesso em: jul. 2014.

SANTOS, Luís C. Ancestralidade e Liberdade: Em torno de uma filosofia africana no Brasil. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, n. 18, maio de 2012. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>>. Acesso em: 01 jun. 2012.

WHITE, Evelyn C. Apresentação. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C. (Orgs.). *O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe*. Tradução de Maisa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.